



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Recredenciado pela portaria do Ministério da Educação nº1.520, publicado no D.O.U. em 26 de dezembro de 2016

ISSN – 2317-2487



REVISTA

TEÓFILO

**BREVE ABORDAGEM TEOLÓGICA DO DUALISMO ANTROPOLÓGICO À
POSSÍVEL INTEGRAÇÃO-INCLUSÃO EM GARCÍA RUBIO**

“El hombre es un ser que vive secretamente descontento de si mismo.”
(FAUS, 1987)

Júlio Cesar Sousa de Jesus^{*}
Antônio Danilo Feitosa Bastos^{**}

RESUMO

O presente artigo, intitulado "Uma Breve Abordagem do Dualismo Antropológico à Possível Integração-inclusão em García Rubio", foi desenvolvido em vista de uma apresentação não extensa e sistematizada das ideias mestras de Alfonso García Rubio sobre a bipolarização do humano e a possível solução para este problema histórico. O texto acompanha fielmente a antropologia do teólogo e a desenvolve em uma linguagem teológica acessível a todos os leitores de boa vontade interessados na questão latente: o homem, quem é ele?

Palavras-chave: Antropologia. Humano. Dualismo. Integração-inclusão. Rubio.

RESUMEN

El presente artículo, titulado "Un Breve Enfoque del Dualismo Antropológico a la Posible Integración-inclusión en García Rubio", está desarrollado en vista de realizar una presentación no extensa y sistematizada de las ideas maestras de Alfonso García Rubio acerca de la bipolarización de lo humano y de la posible solución para este problema histórico. El texto sigue de modo fidedigno a la antropología del teólogo y la desarrolla en un lenguaje teológico

^{*} Pároco da Paróquia Menino Jesus de Praga (Bairro Saci), mestre em Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, reconhecido no Brasil pela PUC do Rio de Janeiro, graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, graduado em Teologia pelo Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus, professor do curso de Bacharelado em Teologia (ICESPI). E-mail: pe.juliocezar@yahoo.com

^{**} Missionário Leigo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, especialista em Docência do Ensino Superior (UNOPAR), licenciado em Filosofia (ICESPI), bacharelado em Teologia (ICESPI), licenciando em Letras - Português e Espanhol (UESPI), tutor de Filosofia na UAB/UFPI de Juazeiro da Bahia. E-mail: antoniodanilo.miserere@gmail.com

accesible a todos los lectores de buena voluntad interesados por la latente cuestión: El hombre, ¿quién es él?

Palabras clave: Antropología. Humano. Dualismo. Integración-inclusión. Rubio.

1 INTRODUÇÃO

Apresentar a verdade cristã sobre o homem sempre se fez tarefa necessária. No Brasil e na América Latina, são muitos os católicos que assimilaram essa verdade, embora ainda haja um número considerável daqueles que não compartilham dela e de suas implicações eclesiais.

A verdade a respeito do homem emerge como resultado da reflexão teológica à luz da fé no Deus criador-salvador. Alicerçada nessa reflexão, cujo enraizamento é fundamentalmente bíblico, a antropologia teológica debruça-se sobre a crescente necessidade de ventilar a verdade com relação à questão: o homem, quem é ele?

É claro que não se trata de uma tarefa fácil, mesmo em ambientes de intensa vivência da fé, pois há uma visão dicotômica do homem entre espírito e corpo histericamente infiltrada nos meandros da vivência cristã. Este artigo discorrerá sobre essa dicotomia de caráter oposição-exclusão e as tentativas de saná-la.

2 DUALISMO ANTROPOLÓGICO PLATÔNICO

Uma compreensão dicotômica do ser humano não é uma máxima novidade oriunda da modernidade. Já muito antes das modernas reflexões e, inclusive, da filosofia grega, ela manifestava-se na cultura da Índia e da Pérsia antigas. Mas é com Platão que esta visão é reflexivamente sistematizada e toma grandes proporções.

O pensamento platônico, propriamente metafísico, influenciou grandemente todo o Ocidente europeu. Penetrou na formação e desenvolvimento tanto da filosofia quanto da cultura, da civilização e do ser humano europeu, chegando à Terra de Santa Cruz no século XVI. O que se quer acentuar aqui não são noções de história do Brasil, mas o histórico problema do dualismo que a alcançou. Como afirma Alfonso García Rubio:

Situados no Brasil no início do século XXI, continuamos precisando nos referir a Platão quando tentamos falar significativamente sobre o homem, mesmo que se trate

do homem visto à luz da fé bíblico-cristã. Esta última parte da afirmativa pode parecer um despropósito, dado que Platão foi um pagão que viveu no século IV antes de Cristo, sem conexão alguma com as perspectivas bíblicas sobre o homem. (RUBIO, 2001, p. 97).

A intenção aqui não é desenvolver uma representação da antropologia platônica. O interesse é somente ressaltar o enfoque dualista dessa antropologia e “lembrar a importância que tem para a antropologia a conhecida distinção platônica entre *ideia* e *coisa*. As coisas pertencem ao mundo sensível, caracterizado como mutável, temporal, caduco... Já as ideias pertencem a outro mundo, o da realidade divina, eterna e imutável” (RUBIO, 2012, p. 98).

O que há de verdadeiro encontra-se impreterivelmente além das aparências do mundo sensível e mutável, no “Hiperurânio” ou “Mundo das Ideias”. Tudo o mais encontrado no mundo material é mera cópia imperfeita do mundo real que se encontra para além das aparências. Há, no entanto, uma ligação entre as coisas e as ideias, pois as primeiras são imitações ínfimas das segundas.

Na existência humana, segundo o desenvolvimento desta abordagem filosófica platônica, coabitam os dois mundos. Eles se fazem presentes no homem como dois polos extremamente opostos: a alma, pertencente ao mundo das ideias, e o corpo, ao mundo das coisas. Logo, o corpo também é coisa e, enquanto coisa que é, somente pode participar imperfeitamente de uma ideia, enquanto a alma é detentora de pertença ao mundo eterno da ideias.

O que surge dessa pertença do homem a dois mundos tão diferentes é também a necessidade de tratá-lo de dois modos igualmente diversos. Mas é possível ao homem concreto no terreno da vida existir sem que estes mundos estejam relacionados. Na obra *Fédon*, Platão não nega que haja uma relação. O que ele mostra enfaticamente é exatamente a negatividade em que está imbricada a relação alma-corpo:

Suponhamos que seja pura a alma que se separa do corpo; deste ela nada leva consigo, pela simples razão que, longe de ter mantido com ele durante a vida um contato voluntário, ela conseguiu, evitando-o, concentrar-se em si mesma e sobre si mesma, e também pela razão de que foi para este resultado que ela tendeu. O que equivale a dizer que ela se ocupa, no bom sentido, com a Filosofia, e que, de fato, sem dificuldade se prepara para morrer. (PLATÃO, 1972, p. 85).

Nas obras posteriores, tais como *Timeu* e *Leis*, a visão de Platão parece ser positiva sobre a relação alma-corpo. Porém, apenas parece, pois a comparação da alma com um marinheiro e do corpo com um navio nada mais acrescenta que uma ideia de mera relação de

instrumentalidade entre alma e corpo, dois seres qualitativamente diferentes. O que essa ideia coloca em evidência é que:

A existência humana é vivida internamente como divisão, conflito e ruptura. O homem não se percebe a si mesmo como ser harmonioso e ordenado. Por quê? A resposta não é difícil para o platonismo e para o neoplatonismo: assim como deve ser distinguido o mundo verdadeiro (o mundo das ideias) do mundo ilusório e aparente das coisas sensíveis, deve-se distinguir de um lado a realidade da alma e de outro a existência meramente participada do corpo. (RUBIO, 2012, p. 99).

A alma é vista sob o aspecto de superior elevação em relação ao corpo, ela é realidade que define o ser próprio do homem. No platonismo, o valor da alma é demasiadamente acentuado tanto quanto o corpo é desvalorizado e apresentado como coisa má, cárcere da alma. Esta contraposição se revela ainda com mais clareza no esquema que se é apresentado por Rubio:

Relação predominante de oposição

IDEIAS > MUNDO > INVISÍVEL > IMUTÁVEL > ETERNO > DISTINTO E TRANSPARENTE

Coisas > mundo sensível > transitório > temporal > confuso e opaco

Estrutura mental predominante de oposição-exclusão

ORDENADO > VERDADEIRO SER > CIÊNCIA > ALMA

Caótico > ser participado > opinião > corpo

A relação de predominante oposição, a começar pela dicotomia alma-corpo no âmbito da reflexão filosófica, estende-se até o ponto de desenvolver uma estrutura mental com a incisiva ideia de oposição-exclusão. É uma estrutura que tem penetrado fundo na consciência cristã, no decurso dos séculos, e que funciona frequentemente de maneira inconsciente, revelando-se um obstáculo formidável para a concretização das opções da Igreja atual pela salvação-libertação integral do homem (Cf. RUBIO, 2007, p. 279).

Esta relação de oposição com sua correspondente estrutura mental, não foi a única a se infiltrar no campo da reflexão teológica e da cotidiana vivência cristã. A seguir, tratar-se-á de outra peculiar infiltração, dando-lhe a devida atenção, a fim de perceber o seu criativo desenvolvimento e atrativos facilitadores da assimilação. Fala-se aqui do dualismo cartesiano.

3 DUALISMO ANTROPOLÓGICO CARTESIANO

O dualismo antropológico de Platão e dos neoplatônicos teve vasto alcance, influenciando da academia à vida e às reflexões de caráter eclesial. Com o surgimento da modernidade, René Descartes assume a empreitada de desenvolver uma visão dualista do ser humano, com mais rigor filosófico que seus predecessores:

O corpo é simplesmente matéria espacial, substância extensa (“*res extensa*”), mera extensão mensurável matematicamente, enquanto que a alma ou espírito ou consciência é uma substância pensante (“*res cogitans*”). Na realidade, o corpo não passa de uma máquina que pode funcionar independentemente da alma. Esta não interfere na vida biológica do ser humano, pois sua finalidade única é precisamente pensar. (RUBIO, 2012, p. 101)

Este dualismo moderno possui características próprias diferentes do dualismo clássico anteriormente abordado. No dualismo cartesiano, o espírito (“*res cogitans*”) separa-se do corpo (“*res extensa*”) não para alcançar o elevado hiperurânio ou mundo das ideias, mas para conhecer e dominar o mundo pela racionalidade. O pensamento que é próprio do espírito é distinto da vida biológica subsistente no corpo humano. São duas substâncias sumamente distintas e separadas que podem subsistir uma sem necessidade da outra. Por isso, elas se encontram relacionadas no ser humano apenas de modo meramente extrínseco.

A reflexão cartesiana aos moldes franceses é dotada de fineza e envolvimento, mas as suas consequências, enquanto antropologia dicotômica, são demasiadamente prejudiciais e muitíssimo conhecidas. O sujeito é igual a sua consciência e está desligado da corporeidade humana, bem como a corporeidade humana independe da consciência.

Olhando atentamente esta interpretação, vem à tona a questão de como se dá a relação com o outro neste estado de desvalorização da corporeidade. O sujeito precisa ser corpo para entrar em contato com o outro. Como seria a relação do sujeito com seu semelhante sem a mediação do corpo? Estaria ele isolado dos demais e submergido no individualismo. Eis a porta de entrada do espírito de opressão e dominação moderno. O outro passa a ser visto como mero homem-máquina manipulável e descartável, como toda e qualquer matéria espacial. E o mundo da natureza, enquanto coisa separada do homem, também não tem outra utilidade que o serviço às exigências da razão humana. Está selado o divórcio que ecoa historicamente. Eis o “divórcio nefasto que ainda hoje perturba seriamente o diálogo entre ciências da natureza e ciências do espírito; entre razão e fé e assim por diante” (RUBIO, 2001, p. 102).

A corporeidade estigmatizada pelas elucubrações filosóficas platônicas mostra-se demasiadamente prejudicada em nível existencial. E a assimilação dessa relativização do

corpo como uma verdade absoluta apresenta-se perigosa para a vivência da fé cristã, uma vez que penetrou e germina neste solo. É urgente perceber que “a pessoa humana não é uma acoplagem separável entre duas realidades distintas, espiritual e material, mente e corpo” (TEPE, 2003, p. 82).

Todavia, com ainda maior poder de persuasão e maiores prejuízos à compreensão cristã do homem na sua integralidade, perpetua-se a visão divorcista entre homem e natureza à luz da metafísica cartesiana; “esta filosofia de vida influenciou sobre a moral do amor, sobre a educação, sobre a reflexão filosófica acerca do homem, sobre a compreensão acerca do bem e do mal, sobre conceitos teológicos e outros” (V.V.A.A., 1980, p. 20).

Como a diversidade de proposições dicotômicas se desenvolve na história, e como é bem sabido, do senso comum ao aprimoramento científico, que o tempo não para, o dualismo acurado não se encerra com as meditações de Cartésio. Sob um ar de salvaguarda dos mais sublimes valores da piedade cristã, surge romanticamente uma nova modalidade de dualismo que, sob aparente ortodoxia, parecia irrecusável ou, muito provavelmente, ainda parece indiscutível. Fala-se, nestes termos, do dualismo moderado que se desenvolveu na vida e na teologia eclesiais.

4 DUALISMO MODERADO NO CONTEXTO VITAL E ECLESIAL

A Igreja, assevera Rubio, “nunca aceitou um tipo de dualismo que levasse a considerar a matéria e o corpo como intrinsecamente maus” (2001, p. 102). Isso se deu pela convicção na bondade do Deus criador e na encarnação de seu Filho que, pela *kénosis* salvífica, assumiu a natureza humana na sua integralidade sem em nada negar os constitutivos da dualidade da pessoa humana:

Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. (Fl2, 6-8).

A partir da compreensão que a Igreja alcançou acerca da pessoa de Jesus e do modo como sempre buscou transmitir aos que lhe foram confiados, não há dúvidas de que o magistério da Igreja procurou, de muitas formas, defender a unidade constitutiva do ser humano. Por isso, “pode-se afirmar com segurança que a fé cristã, em toda a sua tradição,

soube evitar as consequências mais negativas da visão dualista de homem” (RUBIO, 2001, p. 102).

Da afirmação de que a Igreja, em sua essência, não fora condizente com as abordagens e visões deturpadas do homem emergentes dessa visão dualista, surge um inquietante questionamento, a saber: o dualismo, então, alcançou ou não, de maneira teórica e prática, o solo da experiência de fé cristã? A resposta a essa questão a muitos parece óbvia e, a alguns, relativamente complexa.

É fato que a Igreja não assumiu e muito resistiu ao dualismo, “mas não pode impedir a sua infiltração na teologia, na espiritualidade e no conjunto da vida cristã, embora na forma de um dualismo moderado” (RUBIO, 2001, p. 102). A linguagem persuasiva e as muito bem concatenadas ideias dualistas, aos poucos e sorrateiramente, se engendraram nas reflexões e discursos cristãos, traduzindo-se na surdina como um modo normal de ser no mundo.

A esta infiltração, Rubio denomina de “dualismo moderado na vida e na teologia eclesiais”, a começar pelo fato de que a compreensão sobre a matéria e o corpo não foi demasiadamente radical com outras precedentes. Nesta situação, a matéria e o corpo não sofrem a interpretação como coisa (“*res*”) má, desprezível ou cárcere, mas são desvalorizados em detrimento de uma valorização exacerbada da alma, do espírito ou da consciência humana.

É soslaio oportuno para o surgimento da bipolaridade que já fora mencionada e tantas outras que não são necessárias mencionar ou, talvez, de tão múltiplas e dissimuladas, sejam difíceis de descrever. Nesta modalidade de dualismo “ALMA, ORAÇÃO, TEORIA, FÉ CRISTÃ, IGREJA, VIDA NO CÉU, VIDA RELIGIOSA, DEUS, JESUS CRISTO DIVINO” etc. são supervalorizados em detrimento, respectivamente, de “corpo, ação, práxis, opções sociopolíticas, mundo, vida terrestre, vida profana, homem, Jesus Cristo humano” (RUBIO, 2001, p. 102).

Das mencionadas bipolaridades, destaca-se, com maior frequência e sob certo ar de piedade, a relação de oposição-exclusão entre o DIVINO-humano em Jesus Cristo. Muitos são os cristãos que, com a boa intensão de exaltar a divindade do Mestre, colocam em segundo ou terceiro plano a sua assumida natureza humana. Com isso, o privilégio da alma em detrimento do corpo avança sobre as resistências em aceitar que, de fato, Jesus seja verdadeiramente humano e “provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4, 15b). Instala-se sorrateiramente um dualismo moderado e de fácil e rápida apropriação no terreno da fé cristã (RUBIO, 2001, p. 103).

No trabalho pastoral, torna-se possível, com muita facilidade, perceber que “os textos do Novo Testamento que apresentam aspectos da limitação do homem Jesus causam um indefinido mal-estar, enquanto outras passagens que sublinham a condição divina de Jesus Cristo encontram logo fácil eco e rápida sintonia” (RUBIO, 2001, p. 103). Passa a ser desagradável perceber a experiência existencial humana de Jesus e torna-se mais confortante encontrar fundamentações para uma existência inumana do Mestre:

Na dinâmica própria deste dualismo moderado, a acentuação do valor do primeiro polo da relação leva consigo a correspondente depreciação do segundo. E não é necessária uma investigação histórica profunda para percebermos o influxo deste dualismo na vida monástica e religiosa em geral, na teologia, na catequese e na pregação cristã, na visão de mundo, na política e nas realidades socioeconômicas, na arte e na liturgia etc. Na realidade, não existe aspecto algum da experiência e reflexão cristã que não tenha sido afetado, em graus diversos, por esta visão de homem. (RUBIO, 2001, p. 103).

Conforme enfatizou Rubio, o tal dualismo — moderado por uma dinâmica que, sob aparência de um bem, semeia confusão em relação ao ser humano dado existencialmente no campo da fé — penetrou no contexto vital eclesial e nele fincou raízes em todos os aspectos do modo de ser cristão e de suas reflexões. Na atualidade, ainda é possível sentir os resquícios desta visão errônea acerca do humano, na forma de vida de certas comunidades religiosas, no fazer teológico de teólogos adeptos da bipolarização, em pregações cristãs voltadas para a promoção do medo do que é “carnal” e numa diversidade de outras formas.

5 INEFICAZES TENTATIVAS DE SUPERAÇÃO DA BIPOLARIZAÇÃO ANTROPOLÓGICA

A apresentação sobre as tentativas de superação da bipolarização antropológica pode transparecer, de antemão, uma facticidade de não solução para o problema, ao mencionar sua ineficácia. Porém, “na Igreja católica, especialmente no Brasil, podem ser observadas recentemente várias reações contra a visão dualista de homem e da realidade, bem como contra seu influxo na vida e na reflexão teológica cristã” (RUBIO, 2001, p. 103). Como não são poucos os tentamentos em prol de solucionar o problema, para tratar dos que têm grande insucesso, faz-se necessário deter-se nos dois principais, a saber: a reversão dialética e a justaposição estéril.

5.1 O viés da reversão dialética

Na reversão dialética, o que acontece é tão somente uma reversão, como a própria identificação já faz jus. Aquilo que fora por muito tempo dado ao descuido, marginalizado ou visto com maus olhos, passa agora à posição de condição de maior valor, a ponto de ser paulatinamente supervalorizado. Em segundo plano, fica ancorado tudo o que a tradição cristã defendia e propagava como digno de maior estima e valor.

A reversão dialética é, na verdade, uma radical reviravolta dos polos, com uma acentuação peculiar do que era visto com descrédito. Antes, eram vistos como valores à parte e inalienáveis a “alma, o coração, a teoria, a fé cristã, a Igreja, a vida no céu, a vida religiosa, Deus, Jesus Cristo divino” etc. Neste viés, o que fora pouco valorizado surge como merecedor de maior atenção e peculiar prioridade. Coloca-se em demasiada evidência o valor do “CORPO, da AÇÃO, da PRÁXIS, das OPÇÕES SOCIOPOLÍTICAS, do MUNDO, da VIDA TERRESTRE, da VIDA PROFANA, do HOMEM, de JESUS CRISTO DIVINO” etc.

Apresenta-se, desta maneira, uma primeira forma inadequada de enfrentar o dualismo tradicional que há muito assola a integridade do homem. À primeira vista, a muitas pessoas, esta tentativa pareceu ser uma solução. Mas, para quem busca solução, sem muita dificuldade, é fácil perceber que, nestes moldes, se encontra uma real impossibilidade de solução, pois “continua atuando a velha relação de oposição-exclusão. Apenas foi invertida a acentuação. A estrutura mental de oposição-exclusão está tão presente como no esquema anterior” (RUBIO, 2001, p. 104).

As comunidades cristãs em que se encontra esta radical abordagem unilateral focalizam prioritariamente a importância de Jesus somente a partir do teor histórico de sua existência. O atrativo formidável é o homem Jesus de Nazaré, especialmente quando há demonstração de algum envolvimento dele em conflitos humanos. Percebe-se que “descuidam o ‘Cristo da fé’, como sendo algo secundário e pouco relevante para os compromissos cristãos atuais” (RUBIO, 2001, p. 104). O falar a partir de Jesus fica submerso num contínuo interesse por falar sobre Jesus.

O dinamismo basal da histórica relação de oposição-exclusão não deixa sequer brechas para a alforria deste modo de ver o homem e a realidade em geral, pois seu desenvolvimento não é perceptível somente pelo que pode ser visto externamente. Sua influência se dá conjuntamente com a formação de uma estrutura mental correspondente que emana através dos discursos e do modo de ser no mundo.

5.2 A estéril tentativa de justaposição

Tendo a reversão dialética se mostrado insuficiente como orientação radicalmente antidualista, surge a tentativa de justaposição com a apresentação em dois planos dos dois elementos da relação. O pesquisador desatento pode até incorrer na trágica consideração dessa abordagem como sendo de fato uma afirmação plausível. Tal colocação advém da comprovação de que a justaposição tem se tornado progressivamente acolhida como solução e assimilada como resposta última:

É uma atitude que se encontra frequentemente em padres, religiosos e agentes de pastoral que procuram assumir, com toda sinceridade, as orientações da Igreja conciliar (Vaticano II) e, na América Latina, as opções eclesiais de Medellín (1968), e Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Na GS do Vaticano II, decerto, a visão de homem é decididamente unitária, sendo criticada diretamente a atitude que despreza a vida corporal (Cf. GS 14). A mesma coisa deve ser afirmada a respeito dos documentos de Medellín e Puebla. (RUBIO, 2001, p. 105).

Os documentos em questão não podem ser interpretados como os responsáveis por essa nova modalidade de relação de oposição-exclusão. Eles foram desenvolvidos, no que diz respeito à pessoa humana, com o intuito de subsidiar em primeira instância o desenvolvimento integral e a respectiva libertação integral da pessoa. Mas é claro que, embora aceita e assumida por um número razoável de cristãos, essa modalidade ainda encontra muita resistência por parte daqueles que não a conseguem ver com a generosidade e o desprendimento das antigas convicções.

Até existe, num plano de fundo, um sincero desejo de integração-libertação, que coloca em movimento muitos dos que assumiram a causa do humano na sua totalidade, mas tudo isso se dá numa conflitividade, com uma estrutura que tende a realçar a separação. O problema pode ser observado, em síntese, do seguinte modo: “o cristão em questão deseja valorizar (contra toda perspectiva dualista) tanto a alma como o corpo e, conscientemente, o divino e o humano em Jesus Cristo, a Igreja e o mundo, a oração e a ação, o individual e o social etc.” (RUBIO, 2001, p. 105).

A vontade de integração por parte dos católicos que assumem esta postura é de certo modo persistente, porém, é mais forte a estrutura mental de inflexível oposição-exclusão que não nega presença no modo de ver o homem e o mundo com suas realidades. Uma ideal conjuntura de integração torna-se, na prática, uma realidade insatisfatória ou mesmo inviável dentro destas circunstâncias. Essa inviabilidade é suficientemente perceptível na articulação entre oração e ação na vida da comunidade e do católico em particular.

Ele deseja, decerto, atribuir muita importância tanto à oração quanto à ação. De fato, compromete-se na ação social e política, no trabalho de promoção humana etc. Mas tem consciência de que precisa evitar o ativismo e de que deve se encontrar pessoalmente com Deus na oração. Surge então o problema: na passagem das suas atividades e trabalhos para a oração tropeça com a tendência (inconsciente) à separação-exclusão. (RUBIO, 2001, p. 106)

A vontade de uma experiência integral é uma constante, como afirma Rubio. Os dois polos são valorizados e interpretados como aspecto *sine qua non* da vida humana em relação às realidades intramundanas. Todavia, o cristão ainda encontra aqui a impossibilidade de uma passagem direta da situação de ação para a experiência de oração e vice-versa. Os dois polos se mantêm respeitados, mas incomunicáveis internamente. As manifestações de ligação entre os dois patamares, quando se dá, é de maneira meramente extrínseca.

Essa experiência tem alcançado, inclusive, um número relevante de pessoas na vida religiosa e sacerdotal, provocando o abandono do itinerário vocacional. Expressa-se com precisão na incapacidade prática que muitos encontram no momento em que tentam adentrar numa integração fecunda. As frustrações oriundas dessa impossibilidade de real integração, em muitos casos, podem requerer acompanhamento psicológico e tratamento psicanalítico (RUBIO, 2001, p. 106).

6 EVOLUTIVO ITINERÁRIO DE SUPERAÇÃO DO DUALISMO

A aplicada tentativa de justaposição, como já foi explicitado, tratou-se de um esforço estéril por conciliar polos sempre vistos em oposição interna. A relação de oposição-exclusão em determinadas realidades é indispensável para que não se relativize valores de fé e moral, sumamente importantes para a pessoa humana. Porém, somente será possível identificar quando a oposição-exclusão se faz necessária depois de uma bem formada integração humana.

6.1 O dualismo na volição humana

Quando se fala de homem, surge conjuntamente, de forma direta ou indiretamente, a compreensão de “*homo volens*”, homem dotado de vontade, portador de caráter e, impreterivelmente, livre protagonista da liberdade. A vontade do humano é suscitada sempre pelo bem, que é, por excelência, seu objeto estimulador e provocador. A problemática do

dualismo, no tocante à volição humana, também se apresenta como o objeto provocador do apetite intelectual em busca de uma solução possível.

Essa solução possível não será um simplório alcance do mérito da resolução, porque a questão tem imensurável profundidade, uma vez que envolve o sacrário da vontade humana. E, também, não persegue a extirpação da relação de oposição-exclusão em todos os meandros da vida humana, pois, por vezes e em circunstâncias específicas, faz-se necessário salvar tal relação em prol de salvaguardar a integridade e dignidade da pessoa.

Desse modo, a relação de posição-exclusão pode, inclusive, fazer-se necessária, de maneira radical, pela oposição excludente entre os dois polos, como se nos apresenta em relevantes expressões do *corpus* paulino. Fica evidenciado que “a relação entre o ‘homem velho’ e o ‘homem novo’ só pode ser entendida, na ótica de São Paulo, a partir de uma dinâmica de oposição-exclusão” (RUBIO, 2001, p. 107). Exorta o apóstolo dos gentios:

Mortificai, pois, vossos membros terrenos: fornicção, impureza, paixão, desejos maus e a cupidez, que é a idolatria. Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os desobedientes. Assim também andastes vós quando vivíeis entre eles. Mas agora abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente. Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais judeu e grego, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos.

Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros, e perdoados mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas, sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. E reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos. (Cl 3, 5-15)

A exortação paulina dirigida à comunidade de Colossas e a todos quantos a ela tiverem acesso mostra a irrefutável necessidade de metanoia na vida de quem fez a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo. O real desenvolvimento do “homem novo” tem como exigência ou condição o progressivo desaparecimento ou morte do “homem velho”. A prosperidade do primeiro implica necessariamente o desvanecer do segundo. Evidencia-se, com essa ideia, uma relação de oposição-exclusão sob determinada circunstância e condição inescusável.

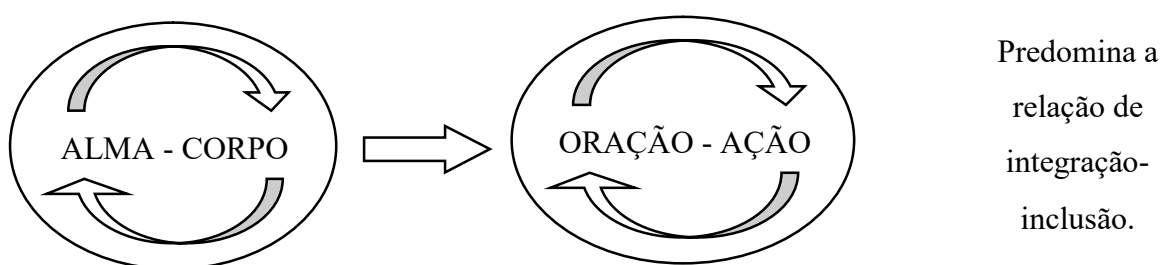
Entretanto, é oportuno chamar a atenção para o fato de que esta mudança no cotidiano da vida humana não se dá de maneira surpreendentemente célere e eficaz. A consciência humana conhece a incongruência ética entre o pecado, por uma parte, e abertura a Deus e aos irmãos, por outra. Os contrários se chocam internamente, confundindo a vontade. “O que a

visão cristã de homem não aceita é a passagem deste dualismo existente na vontade humana para um dualismo metafísico, seja lá qual for” (RUBIO, 2001, p. 107).

6.2 Possível relação de integração-inclusão

A relação apresentada como relação de oposição-exclusão precisa estar presente na vida do ser humano, até certo ponto, como dialética entre vivência ética na fidelidade a Deus e recusa a seu convite amoroso de pertença total e livre a seu amor incondicional. Mas, fique claro que a riqueza que é o ser humano, não pode ser reduzida a um processo dialético, pois são inumeráveis as qualidades humanas e as virtudes que surgem no cotidiano de sua existência e convivência (RUBIO, 2007, p. 279).

Faz-se necessária a apresentação, de modo novo, de uma relação em que exista de fato um movimento de interação-inclusão entre os lados nada antitéticos da dualidade existencial humana. Visando modificar as ideias deturpadas sobre a integralidade humana e apresentar a possível relação de integração-inclusão, Rubio (2001, p.108) altera os esquemas anteriores e mostra o que segue:



Nesta representação, a primeira coisa a ser percebida é a ausência de uma linha divisória entre os termos. A segunda é que ambos os termos da relação estão escritos em letras maiúsculas, pois não há supervalorização de um polo em particular, ambos merecem valorização positiva. E, terceira, diferentemente da justaposição, há uma linha horizontal mostrando que a relação é direta e interna, não é mero extrinsecismo. A importância de um elemento enaltece a importância do outro e o enriquece pela sua abertura. Esclarece Rubio (2001, p. 108):

Seguindo o exemplo da relação oração-ação: a oração está aberta diretamente à ação do cristão, assumindo-a etc. E por sua vez, a ação repercute diretamente na oração,

ajudando para que este se torne mais disponível em relação à vontade de Deus e mais solidário com a caminhada dos irmãos. Esta oração influencia novamente a ação e vice-versa, num dinamismo próprio à unicidade da vida cristã da pessoa. Certamente predomina a tendência a unir, mas respeitando sempre as diferenças: a ação é ação e a oração é oração.

O que Rubio aborda com relação à integração-inclusão entre corpo-alma e oração-ação pode ser aplicado a outras maneiras de relação, como no fato de que se pode perceber que Deus é Deus (respeitado na sua transcendência), sem problema de identidade algum, e o homem é homem (sublinhada a sua “criaturidade”), sem bipolarização alguma (RUBIO, 2001, p. 108). Tal relação de integração-inclusão torna-se mais perceptível na realidade que o Filho de Deus manifesta em si mesmo:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade. (Jo 1, 1-5.13)

Em Jesus Cristo, acontece o caso de máxima união entre o divino e o humano. Nele as duas realidades distintas não se confundem nem se repelem. Deus (Verbo), que não deixa de ser Deus, e o homem (com “criaturidade” dotada de muitas limitações existenciais próprias) tornam-se uma única pessoa, Jesus Cristo nascido de Maria de Nazaré. Mas, no campo cristológico, muitas vezes foi aplicado o critério da relação de oposição-exclusão, desaguando em muitas heresias.

A compreensão do autêntico mistério de Jesus Cristo e de sua encarnação salvadora foi, pela visão dicotômica, muitas vezes prejudicada. Um dos primeiros erros cometidos por esta visão foi o nestorianismo, que ensinava que em Cristo existiam duas pessoas distintas, a divina e a humana. Em seguida, veio à tona o monofisismo, que negava a existência de humanidade em Cristo, afirmando que Ele só poderia ser concebido como absolutamente divino e em impossibilidade de possuir outra natureza (MATOS, 2009, p. 168). Sobre a integração-inclusão de Cristo, evidencia Boff (2009, p. 133):

Como se hão de entender semelhantes afirmações que são verdadeiros paradoxos e uma união difícil de opostos? Ao falarmos de Jesus Cristo, devemos pensar sempre, conjunta e simultaneamente, em Deus e no homem. A unidade de ambos em Jesus é de tal ordem que nem Deus nem o homem perdem alguma coisa de sua essência e realidade. Tão profunda é a unidade de Deus e do homem em Jesus, que a humanidade deve poder ser encontrada em sua divindade e a divindade em sua humanidade. Com que palavras vamos exprimir semelhante realidade?

A afirmação e aceitação de Jesus Cristo implica, necessariamente, na afirmação e aceitação de que nele convivem plenamente o divino e o humano. E não incorrem em erro os que afirmam que Jesus é o Homem que é Deus e é o Deus humano. Em Jesus Cristo, máxima realidade de integração-inclusão, não há antinomias nem bipolarização existencial. Conforme a séria declaração do magistério no Concílio de Calcedônia (451), Jesus é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, total e simultaneamente.

7 CONCLUSÃO

A visão dualista de homem não ficou instalada somente no que diz respeito à vontade humana. Mas, como fora apresentado, desenvolveu-se influenciando outras dimensões da existência humana com a alienante proposta de relação de oposição-exclusão. Tal influência comprometeu negativamente a relação com outros homens, a relação homem-mulher, a forma como convém relacionar-se com o mundo, com a natureza e com o próprio Deus.

O homem, porém, é constituído por uma unidade radical, corpo-alma, em que não se encontram partes com peculiar superioridade ou inferioridade. O corpo não se caracteriza como mera parcela de existência coexistindo ao lado da sacra alma. Corpo e alma não são partes que possam ser submetidas a uma análise separadamente, ainda que no âmbito da reflexão filosófica ou teológica. Por isso, fica em evidência a compreensão de que não é viável, sequer em reflexão, conceber a alma em relação ao corpo como algo separado e mais sublime que o segundo termo da relação (BOFF, 1973, p. 163).

Desse modo, fez-se mister apresentar que, apesar do evidente influxo da visão dualista de homem dentro e fora do âmbito eclesial, é possível uma reflexão teológica sobre o homem à luz da fé. Esta reflexão mostrou que somente é possível fundamentar uma visão unitária de homem partindo da realidade expressa por Jesus Cristo, Divino e Humano. Nele encontra-se a máxima realização do que deve ser cada homem e cada mulher, a saber: um humano integrado.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA AVE MARIA: Edição de estudos. 1º ed. São Paulo: Ave Maria, 2011.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Vida para além da morte: o futuro, a festa e a contestação do presente*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Vol. 1. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora O lutador, 2009.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Teologia Sistemática)

_____. *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FAUS, José Ignacio González. *Proyecto de Hermano: visión cryente del hombre*. 3ª ed. España: Editorial Sal Terrae, 1987. (Colección “Presencia Teológica”).

TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: diálogo interdisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

V.V.A.A. *Mysterium Salutis*. Compêndio de Dogmática Histórico-salvífica: a salvífica antes de Cristo. 2ª Ed. Trad. Bernardo Lenz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. V. II/3. Seção II.